

Para seu próximo número, previsto para setembro de 2018, a revista *Criação & Crítica*, revista do Mestrado e do Doutorado em Letras Estrangeiras e Tradução da Universidade de São Paulo, lança uma chamada para contribuições para o número intitulado **O Atlântico Sul na literatura: fluxo e refluxo**.

Responsáveis pelo número: Claudia Amigo Pino (Universidade de São Paulo), Véronique Bonnet (Université Paris 13 / Sorbonne Paris Cité), Vanessa Massoni da Rocha (Universidade Federal Fluminense).

Ementa

Por muito tempo ausente da literatura africana francófona, o Atlântico Sul, esta outra margem para onde foram deportados os cativos africanos durante quatro séculos, ocupa, desde os anos de 1990, um espaço crescente em inúmeras narrativas. A literatura africana não projeta mais somente no espelho da Europa seu cortejo de exílios e de migrações, ela se constrói também num movimento sensível ao fluxo e ao refluxo que ocorre nas margens ao sul do Atlântico, abarcando suas construções identitárias e suas fragmentações memorialísticas. Ela se volta para a América do Sul e para o Caribe, como, por exemplo, para o Brasil ou para Cuba, para citar os países mais frequentemente mobilizados pelo imaginário literário. A presença das Américas negras na literatura contemporânea nos leva também a reler a obra pioneira de Roger Bastide, que foi sensível à poesia brasileira; sua correspondência com Pierre Verger, recentemente publicada (*Diálogo entre filhos de Xangô, Correspondência, 1947-1974*), constitui uma mina de ouro para melhor compreender a cultura africana no Brasil. No âmbito francófono, há escritores que residiram no Brasil ou em Cuba, dentre os quais citamos Tierno Monénembo (*Pelourinho, 1995; Les coqs cubains chantent à minuit, 2015*), Florent Couao-Zotti (*Les fantômes du Brésil, 2006*) e Kagni Alem (*Esclaves, 2011; Les enfants du Brésil, 2017*). Eles leram a bibliografia dedicada às Américas negras, perceberam a urgência de reforçar as pontes entre as duas margens do Atlântico Sul, de reunir essas “duas partes de uma mesma cabaça” (Monénembo), para fazer compreender, sob o modo da ficção, a história e os imaginários conectados dos povos negros.

Ao mesmo tempo, especialmente no Brasil, e paralelamente à institucionalização de datas simbólicas como o 20 de novembro, data de aniversário de Zumbi dos Palmares, tornou-se, desde o início do século XXI, em inúmeras cidades e estados do país, o “dia da consciência negra”, se desenvolve uma literatura chamada da “periferia”, literatura emergente e fortemente ancorada à política. Nesse sentido podemos considerá-la uma “literatura menor” (Kafka, Deleuze e Guattari, Robin), que utiliza plenamente os recursos da narrativa de si (autobiografia, autoficção, “endoficção” segundo o conceito de Crystel Pinçonat) e que reúne algumas vozes, textos e performances capazes de explorar a face oculta do

Brasil. Ela exhibe histórias memorizadas e permite escutar vozes, frequentemente femininas, até então silenciadas. Por um lado, ela se beneficia de calorosa recepção nos meios atentos à sua dimensão ideológica; por outro lado, ela busca abrir caminhos no âmbito do cânone literário brasileiro. Essa produção já conta, não obstante, com uma figura tutelar: Carolina Maria de Jesus. Lembramos que algumas obras de Conceição Evaristo foram traduzidas para o francês e divulgadas graças ao trabalho pioneiro da editora Anacaona (*L'Histoire de Poncia, Je suis Rio*, 2015; *Banzo, mémoires de la favela*, 2016). Assim, parece igualmente importante apreender em que essas escritas da margem, no Brasil, encontram, direta ou obliquamente, o corpus francófono e fazem, ou não, eco às suas preocupações estéticas e memorialísticas.

Cronograma

Os artigos devem ser enviados até 30 de agosto de 2018 através da página da revista:

<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>,

Email : criacaoecritica@gmail.com

Claudia Amigo Pino : camigopino@gmail.com

Véronique Bonnet : veronique.bonnet8@wanadoo.fr

Vanessa Massoni da Rocha : vanessamassonirocha@gmail.com